



EVIDÊNCIAS LINGUÍSTICAS PARA O ENTENDIMENTO DE UMA SOCIEDADE MULTILÍNGUE

O ALTO XINGU

BRUNA FRANCHETTO

UFRJ, CNPq

INTRODUÇÃO

Este livro reúne a versão revisada e atualizada da maioria dos trabalhos apresentados em workshop realizado de 17 a 22 de março de 2008 no Museu Nacional-UFRJ, no Rio de Janeiro, contendo os resultados do Projeto ‘*Evidências linguísticas para o entendimento de uma sociedade multilíngue: o Alto Xingu*’ apresentado para o Edital Universal 2006 do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico/CNPq.

Apresentamos aqui resultados não conclusivos, mas já suficientes para lançar as bases de uma nova visão comparativa e global do sistema nativo regional multilíngue e multiétnico conhecido como Alto Xingu¹, objeto privilegiado, há mais de um século, das atenções dos que procuraram entender a história indígena, antes e depois da Conquista.

¹ O Alto Xingu é uma área de transição entre a savana e a floresta densa amazônica, localizada ao norte do altiplano central brasileiro e os limites meridionais da bacia amazônica. A região apresenta características ecológicas únicas.

No sistema alto-xinguano convivem, ainda hoje, falantes de:

- a que nós chamamos de língua Karib alto-xinguana com as suas duas variantes principais: Kuikuro e Uagihütü, de um lado, Kalapalo e Nahukwa/Jagamü/Matipu, do outro;
- Wauja e Mehinaku, variantes de uma mesma língua Arawak;
- Yawalapiti, outra língua Arawak;
- Kamayurá, uma língua tipicamente Tupi-Guarani;
- Aweti, língua às margens da família Tupi-Guarani;
- Trumai, língua isolada.

Estamos diante de um sistema regional histórica e etnograficamente complexo, com tradições de origem distinta, línguas geneticamente distintas e variantes internas a cada língua, um amálgama que articula semelhanças e diversidade, com processos de tradução nas diferentes línguas de conceitos e ‘objetos’ compartilhados.

Os resultados obtidos graças ao projeto CNPq são também indicativos das direções que a pesquisa deverá seguir. Trata-se de dar impulso ao trabalho comparativo entre as línguas do Alto Xingu, um sistema nativo ainda vigoroso para o qual são vitais a convivência de línguas distintas e o compartilhamento de uma mesma cultura. O Alto Xingu nos coloca, ainda, questões instigantes, sobretudo quando procuramos compreender a sua formação histórica e a confluência de distintas línguas e tradições. Para este fim, é necessário abrir o empreendimento para a colaboração efetiva dos outros pesquisadores que se dedicam ao estudo dessas línguas, sobretudo das mais cruciais para o entendimento do sistema alto-xinguano em diversas escalas temporais e espaciais.

Este projeto mobilizou um trabalho coletivo e solidário entre linguistas investigadores de um caso exemplar da história indígena das terras baixas da América do sul, com abertura interdisciplinar e experimentação de metodologias ainda novas no contexto brasileiro.

1. A QUESTÃO

Os primeiros resultados da pesquisa interdisciplinar entre os Kuikuro do Alto Xingu, integrando linguística, etnologia e arqueologia começam a clarear o processo pelo qual povos falantes de línguas pertencem

centes aos três maiores agrupamentos linguísticos da América do Sul (Arawak, Karib e Tupi) e de uma língua isolada (Trumai) chegaram a criar um sistema social único e vivo até hoje: o complexo sociocultural do Alto Xingu (Mato Grosso, periferia da Amazônia meridional). A pergunta fundamental que nós nos colocamos é: como surgiu este sistema, num longo período que se estende de século IX D.C. até o presente e formado por povos de culturas e línguas distintas? Tendo como pano de fundo esta pergunta, outra se impõe e nos interessa mais de perto: qual tem sido o papel da(s) língua(s) e do multilinguismo nesse processo, que resultou em uma sociedade onde a diversidade linguística tem sido uma das principais condições de sua reprodução? Começamos a responder a estas perguntas no artigo *‘Language, ritual and historical reconstruction: towards a linguistic, ethnographical and archaeological account of Upper Xingu Society’* (Fausto et al, 2008), onde foram articuladas diferentes escalas temporais e diferentes abordagens, focando a vida ritual, bem como a linguagem e a(s) língua(s) a ela associadas, como porta de entrada para a exploração das conexões que delinearão o sistema alto-tinguano no tempo e no espaço.

2. A PERSPECTIVA ARQUEOLÓGICA

O que diz a pesquisa arqueológica realizada de 1993 até agora por Michael Heckenberger no território dos Kuikuro, um dos grupos karib alto-tinguanos? No último capítulo deste livro, Heckenberger nos oferece um balanço atual de seu caminho investigativo e de suas descobertas. Este texto introdutivo contém apenas os preâmbulos necessários para uma sua leitura mais fundamentada.

A primeira evidência de ocupação data do século IX D.C. A colonização inicial foi marcada por aldeias circulares e uma indústria cerâmica comparável àquela produzida hoje pelos povos arawak do Alto Xingu, o que leva à hipótese de que os primeiros colonizadores devem ter sido arawak (Heckenberger, 2005). A família linguística Arawak é a mais amplamente dispersa, geograficamente, na América do Sul, se estendendo das ilhas caribes, ao norte, até a periferia meridional da Amazônia, ao sul. Parece altamente provável que os primeiros colonizadores

do Alto Xingu foram povos arawak que migraram para o norte e para o sul a partir da Amazônia central (cerca de 3000 anos atrás), para então chegar à Amazônia meridional e se dispersar num eixo leste-oeste, das planícies da Bolívia ao Alto Xingu. Os povos arawak, conhecidos historicamente e etnograficamente, além de pertencerem a uma mesma família linguística, apresentam elementos culturais recorrentes (Schmidt, 1917; Heckenberger 2002): hierarquia, espaços político-rituais definidos, participação em sistemas regionais pluriétnicos e multilíngues, redes extensas de troca, sedentarismo e práticas agrícolas elaboradas.

Esta hipótese supõe que haja uma associação estreita entre um determinado agrupamento (genético) linguístico e um ‘tipo cultural’, assim como uma gramática cultural perpetuada através de séculos. Tal hipótese demanda, contudo, uma boa dose de precaução analítica e necessita ser avaliada a partir de novos dados e de uma investigação interdisciplinar aprofundada. Seja como for, a população alto-tinguana colonizadora chegou à região com uma gramática cultural estabelecida: aldeias circulares com a sua ‘praça’, seu centro político-ritual. Ela cresceu até meados do século XIII e, por volta de 1250, tinha alcançado proporções impressionantes superando de muito os limites habitualmente atribuídos às sociedades indígenas das terras baixas. O período de ‘boom’ demográfico e cultural durou até meados do século XVII, com aldeias dez vezes maiores do que as atuais, caracterizadas por estruturas defensivas, como revelam as escavações de 12 sítios, até o momento. Os sítios ‘pré-históricos’ (complexos formados por aldeias principais e aldeias satélites) eram conectados por amplos caminhos, indicando uma densa interação social (Heckenberger et al 2003, 2008). A presença de pontes, barragens, canais, assim como uma transformação significativa da cobertura vegetal, revelam um sistema complexo e uma ocupação e exploração do território surpreendentemente profunda e extensa. Essa escala ‘monumental’ se deve não tanto a demandas econômicas, mas, sobretudo, indica uma função político-ritual: prestígio (em competição) das aldeias e de seus chefes. Quem conhece o Alto Xingu reconhece aqui a razão de ser do sistema atual, embora em menor escala.

Em meados do século XVII, o sistema alto-tinguano entra em colapso por causa dos efeitos diretos e indiretos da Conquista. As grandes

aldeias desaparecem, a população é drasticamente reduzida por sucessivas epidemias (Heckenberger, 2001b). Este foi o quadro encontrado pelo primeiro etnógrafo e testemunho da sobrevivência desse sistema pluriétnico e multilíngue, o alemão Karl von den Steinen (1886, 1894).

Segundo Heckenberger o sistema alto-xinguano se formou pela absorção, assimétrica, de povos e tradições distintos num modelo arawak pré-existente. Não é fácil, contudo, definir quão assimétrico ou simétrico foi o processo que resultou em identidades construídas a partir de uma rede de diferenças. Se há evidências consistentes de uma proeminência e de uma precedência arawak, é não menos claro que o pluralismo cultural e linguístico enriqueceu o sistema como um todo.

3. A PERSPECTIVA ETNOLÓGICA

A pesquisa etnológica procura responder à questão seguinte: que tipo de formação sócio-política é o sistema alto-xinguano?

É muito diferente das estruturas reticulares, sem centro, fortemente igualitárias, formadas por grupos locais ligados por trocas e conflitos. No Alto Xingu, a ‘guerra’ foi substituída por outras práticas sociais. O confronto foi ritualizado em eventos intertribais (Gregor 1990:113; 1994).

Este complexo cultural se define por uma ética alimentar, um comportamento estritamente regrado, a ritualização do poder político dos chefes, esferas de troca, exposição e transmissão de riquezas simbólicas. Precisa observar que o caso xinguano não é uma exceção na Amazônia, onde encontramos paralelos, em outras áreas, apesar de hoje bastante transformados.

O ritual é o *locus* do que os Kuikuro, por exemplo, chamam de *tisügübütü*, ‘a nossa (*tis-*, 1a pessoa plural exclusiva) maneira de ser’, e *tisakisü*, ‘a nossa palavra/língua’. A vida cerimonial é objetivada e é um dos mecanismos chaves para a produção da identidade do todo e, ao mesmo tempo, da autonomia política dos grupos locais. Tal autonomia só se torna real, efetiva, a partir do momento em que uma aldeia satélite de outra, da qual se separou, pode receber e enviar mensageiros-convidadores para as ‘festas’ intertribais. No Alto Xin-

gu, existem cerca de 15 diferentes rituais, estruturados em torno de conjuntos de cantos, uma ou mais narrativas míticas e uma rotina coreográfica precisa. Há rituais intra e intertribais. Estes últimos incluem confrontos cerimoniais entre anfitriões e hóspedes: hoje, a luta corporal, no passado, jogos de bola e competições entre corredores. Sem poder entrar em detalhes, nos limites desta apresentação, pode-se afirmar que os rituais alto-xinguanos compartilham de uma mesma estrutura organizacional, bastante complexa, que chega a envolver a maioria dos moradores de uma aldeia durante longos períodos do ano e a transmissão de papéis, prerrogativas e responsabilidades. Há rituais ligados à chefia e rituais que mediam entre humanos e não-humanos (*itseke* em Kuikuro). O ritual media sócio-politicamente entre humanos e cosmo-politicamente entre humanos e não-humanos (Barcelos Neto, 2004).²

A configuração espacial descrita pela perspectiva arqueológica codifica, hoje, um universo de ‘donos’ e ‘chefes’ que produz uma forte integração ritual, intra e inter-aldeias, e o controle de conhecimentos rituais. As ‘festas’ alto-xinguanas servem, também, para a construção de estruturas comunais e para a produção de *surplus* alimentar.

Os dados do presente indicam que um sistema relativamente semelhante ao atual poderia explicar muitos dos registros arqueológicos. Todavia, nos faltam dados suficientes para compreender a continuidade dessa combinação de assimetrias locais e simetrias inter-locais. Ou formas de agrupamento hierarquizado teriam operado (e operariam) também regionalmente? Seja como for, estamos diante de um sistema amazônico, embora se encontrem, hoje, apenas os restos de redes regionais em outros cantos das Terras Baixas. Qual era afinal o panorama humano amazônico às vésperas da Conquista?

² Novas pesquisas etnográficas no Alto Xingu estão acrescentando dados e análises, tornando ainda mais complexo o quadro e contribuindo para um debate em torno do modelo proposto por Heckenberger. Em 2010, Marina Vanzolini defendeu tese de doutorado no PPGAS/Museu Nacional/UFRJ intitulada ‘A flecha do ciúme: o parentesco e seu avesso segundo os Aweti do Alto Xingu’; João Veridiano Franco Neto concluiu a dissertação de mestrado em antropologia ‘Xamanismo Kalapalo e assistência médica no Alto Xingu: estudo etnográfico das práticas curativas’, na UNICAMP; Antonio Guerreiro Junior desenvolve projeto de doutorado na UnB sobre chefia e estética política a partir de uma etnografia do Kwaryp entre os Kalapalo.

4. A PERSPECTIVA LINGUÍSTICA

O que diz, finalmente, a pesquisa linguística?

Do ponto de vista linguístico, o modelo até o momento proposto pela arqueologia e, mesmo com uma flexão crítica, pela etnologia, apresenta um razoável número de problemas. Por outro lado, é preciso lembrar que se o Alto Xingu tem sido objeto de muitos estudos antropológicos, há pelos menos 60 anos, a pesquisa arqueológica vive um reflorescimento nos últimos 15 anos e a pesquisa linguística, tão antiga como a antropológica, tem se intensificado apenas recentemente. Os estudos linguísticos, todavia, são ainda fragmentários.

Temos apenas duas gramáticas de referências, uma publicada (Seki, 2000, para o Kamayurá), outra ainda inédita (Guirardello, 1999, para o Trumai). Três projetos de documentação exaustiva foram realizados no âmbito do Programa DOBES (Documentação de Línguas Ameaçadas, Instituto Max Planck e Fundação Volkswagen, Alemanha) para as línguas Kuikuro, Aweti e Trumai. Além da obra importante de Ellen Basso, uma antropóloga norte-americana que tem se dedicado a uma fina análise de parte do acervo de narrativas dos Kalapalo, há um conjunto de estudos pontuais ou preliminares praticamente para cada uma das línguas alto-xinguanas (ver a bibliografia linguística alto-xinguanas no final deste capítulo). O artigo de Corbera Mori neste livro oferece um novo estudo no âmbito da morfossintaxe do Mehinaku, uma das línguas Arawak, ainda incipientemente documentada.

Este livro oferece mais um estudo comparativo inédito, entre as duas línguas Tupi alto-xinguanas, Aweti e Kamayurá, realizado por Sebastian Drude. Os estudos comparativos anteriores são apenas dois: Seki & Aikhenvald (1994) sobre as línguas Arawak alto-xinguanas (Yawalapiti, Mehinaku, Wauja) e Meira & Franchetto (2005).

Estes dois últimos autores vasculharam o vocabulário básico de línguas Karib setentrionais e de três línguas Karib meridionais (Ikpeng, Bakairi e Kuikuro) em um pormenorizado trabalho de cunho histórico-comparativo, propondo a existência de dois ramos karib meridionais, resultado de duas migrações independentes, provavelmente vindo do norte do rio Amazonas e subindo o rio Xingu: o ramo alto-xinguanos e o ramo ‘pekodiano’, este incluindo Bakairi e Ikpeng/Arara.

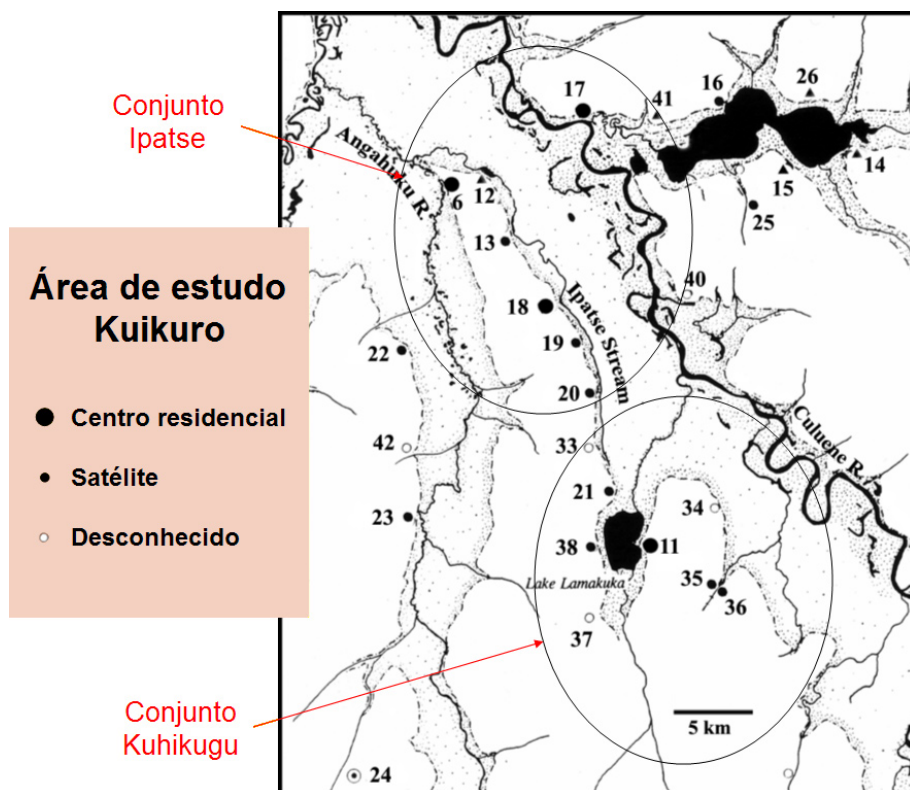
4.1. NOTAS SOBRE A LÍNGUA KARIB ALTO-XINGUANA

Introduzimos através desta seção um resumo dos resultados alcançados até o momento pela investigação histórica da língua ou ramo Karib alto-xinguano em seu contexto sul-amazônico.

A família Karib é uma das maiores da América do Sul, com línguas faladas no Brasil, nas três Guianas, na Venezuela e na Colômbia. Nas classificações anteriores ao trabalho de Meira & Franchetto, as línguas meridionais – Arara-Ikpeng, a língua alto-xinguana e Bakairi – são quase sempre incluídas num mesmo grupo (Derbyshire 1999, Kaufman 1994, Durbin 1977). É possível hoje avaliar mais precisamente o grau de parentesco entre as línguas meridionais com o objetivo de apresentar melhores argumentos a favor ou contra a hipótese de um único agrupamento meridional. Vejamos um breve histórico.

Foi Karl von den Steinen (1886, 1894) o ‘descobridor’ das línguas Karib meridionais: Bakairi, Nahukwa, Apiaká (Tocantins). Ele chamou todos os grupos karib alto-xinguanos de ‘nahuquá’, ciente de que este era somente um rótulo provisório que subsumia uma considerável variedade dialetal. Krause (1936), a partir de materiais trazidos para a Alemanha pelo primo de Steinen e os coletados por Hermann Meyer, afirmava que um grupo chamado de Yarumá habitava a área ao leste e sudeste do rio Culuene, entre o Xingu e o Araguaia. Os ‘Nahuquá’ (Nahukwa) e os ‘Calapalu’ (Kalapalo), grupos karib da bacia do Alto Xingu, tinham relações descontínuas e não sempre pacíficas com os Yarumá ao longo do rio Yarumá (talvez o rio Tanguro) e do rio Paranayuba (hoje Suyá-Missú). Finalmente, Krause publicou uma comparação entre Yarumá, Apiaká do Tocantins, os ‘dialetos Nahuquá’ e o Bakairi (baseado em Steinen 1892). Concluiu que havia relações linguísticas estreitas entre Yarumá e Apiaká, e mais distantes com os ‘dialetos Nahuquá’.

Retomando as hipóteses decorrentes da pesquisa arqueológica de Heckenberger, na primeira metade do século XVII, o rio Culuene separava os Karib ao leste das grandes aldeias arawak a oeste. É possível que grupos karib tenham atravessado o Culuene do leste para oeste, forçando grupos arawak a se deslocarem para o norte e para oeste. Estes recém-chegados karib teriam se tornado os Karib alto-xinguanos de hoje



(Kuikuro, Kalapalo, Nahukwa, Matipu). Na figura acima, Heckenberger identifica os sítios arqueológicos em volta da lagoa Tahununu (no alto à direita, ao leste do rio Culuene) e os conjuntos Kuhikugu e Ipatse dos antepassados karib já a oeste do rio Culuene.

Outros grupos karib teriam dado origem aos Yarumá-Apiaká, ocupando as áreas em que Meyer os encontrou. No começo do séc. XX, os Yarumá já tinham desaparecido da região entre o alto Xingu e o Araguaia, assim como não existiam mais os Apiaká do rio Tocantins, por epidemias e ataques de outros grupos.³

³ Ver as narrativas kalapalo sobre os Yaruma ou Jaguma em Basso (1995); há ainda descendentes de cativos Yarumá entre os Suyá, povo jê que vive na Terra Indígena do Alto Xingu, ao leste do Posto Diauarum (Patrick Menget, comunicação pessoal).

Quais as mudanças compartilhadas pelas três línguas Karib meridionais?

Meira e Franchetto (2005) reconstruíram os segmentos proto-karib, comparando cognatos de três línguas do sul (Kuikuro, Bakairi, Ikpeng) com cinco línguas setentrionais (Yukpa, Tiriyó, Hixkaryana, Makuxi, Panare). Os cognatos encontrados na lista Swadesh foram contados e tabulados. Os resultados sugerem que as três línguas meridionais (Bakairi, Ikpeng e Kuikuro) não formam um grupo claramente definido. Apesar de Ikpeng e Bakairi serem mais próximos entre si do que de qualquer outra língua Karib, a porcentagem de cognatos compartilhados entre Kuikuro e Bakairi não é maior daquela entre Kuikuro e Tiriyó e o compartilhamento é bem menor entre Kuikuro e Ikpeng.

Yukpa								
39	Tiriyó							
34	55	Hixkaryana						
36	56	48	Makuxi					
32	50	45	48	Panare				
32	44	37	44	39	Bakairi			
26	46	37	41	39	51	Ikpeng		
30	42	36	40	41	44	45	Kuikuro	

Porcentagens de cognatos encontrados na lista Swadesh (100 termos)

A reconstrução dos proto-segmentos foi usada para determinar as mudanças que poderiam ser definidas para as línguas meridionais e essas mudanças foram comparadas de modo a estabelecer a possibilidade de que pelos menos algumas delas pudessem ter sido compartilhadas. A conclusão é que há bons argumentos a favor de um sub-grupo que compreende Bakairi e Arara-Ikpeng, mas não Kuikuro. Este, com seus dialetos (Matipu, Kalapalo, Nahukwa), deveria ser visto como um ramo totalmente independente dentro da família Karib. Resumimos as mudanças históricas mais significativas:

- ***p** > **h** em Hixkaryana e Kuikuro; > **w** /V__V em Bakairi e Ikpeng; preservado nas outras línguas.
- ***n** (também outros possíveis proto-fonemas como ***ɲ**) > **ŋ** em Kuikuro (e no Karib alto xinguano em geral); velarização em todos os ambientes, exceto nos grupos consonantais ou em casos de empréstimos.
- ***r** > flap uvular em Kuikuro, mudança não compartilhada pelas outras línguas Karib meridionais; no ramo Bakairi-Ikpeng, temos ***l** como inovação compartilhada, mas não no ramo meridional (Kuikuro **l** parece ter sido um fenômeno independente).
- ***e** > Kuikuro **i** em todos os ambientes, mas nenhuma mudança correspondente em Bakairi ou em Ikpeng.
- ***o** > Kuikuro **o, e, i**.
- ***ô** > Kuikuro **e, i**.
- ***i** foi conservado ou perdido através de redução silábica no Karib alto-xinguano (Kuikuro).

Meira e Franchetto propuseram, então, a existência de dois ramos meridionais independentes na família Karib: um inclui somente o Kuikuro e os seus co-dialetos alto-xinguanos e o outro inclui Bakairi e Ikpeng. Nomeamos o último sub-ramo, de Pekodiano, das palavras Bakairi *pekodo* e Ikpeng *petkom*, ‘mulher’. Atribuímos as afinidades entre os dois ramos, especialmente entre Bakairi e Kuikuro, a empréstimos, já que um grande número de Bakairi viveu, até 1920, ao longo dos rios Culiseu e Batovi, próximos dos Nahukwa. Estudos comparativos são ainda necessários para revelar outros traços compartilhados. Por exemplo, as três línguas meridionais possuem um sufixo de aspecto-tempo verbal com a forma **-li** ou **-iy**, não encontrado nas línguas Karib setentrionais. Não é claro se estamos diante de uma inovação compartilhada ou de empréstimo, talvez um traço areal.

De qualquer maneira, os resultados tendem a enfraquecer a hipótese de uma origem sul-amazônica da família Karib, hipótese apresentada por Steinen, entre outros.

4.2. ENCONTROS LINGÜÍSTICOS

Seki (1999) é autora do único trabalho com visão abrangente do sistema alto-xinguano. Neste livro, ela nos apresenta uma nova versão

de artigo anterior (Seki, 1999). Sua hipótese de que o Alto Xingu seria uma ‘área linguística incipiente’ é fundamentada e instigante e precisa ser retomada e avaliada à luz dos dados de novas pesquisas, sobretudo no que concerne a influência arawak. O trabalho de Seki é um dos raríssimos estudos comparativos que possam dialogar com a etnologia e a arqueologia. Como vimos, alguns avanços foram possíveis graças à experiência multidisciplinar do Projeto DOBES de documentação da língua Kuikuro (KKDP). Por isso, só podemos avançar algumas ideias e alguns resultados a partir do KKDP, abrindo o leque de possibilidades que o Projeto se propôs a explorar.

A reconstrução do passado alto-xinguano e a etnografia do presente pressupõem dois processos opostos no que diz respeito à relação entre língua(s) e cultura(s). De um lado, pressupõe um sistema extremamente estável entre um modelo cultural específico e uma população linguisticamente diferenciada (os Arawak). Por outro lado, pressupõe uma considerável plasticidade dessa mesma relação quando se chega aos grupos tupi e karib. Como explicar isso? Se a hipótese é correta, porque os Arawak teriam retido um modelo cultural desenvolvido 3.000 anos atrás na Amazônia Central, enquanto Karib e Tupi teriam sido moldados por este mesmo modelo, abandonando suas características singulares com exceção da língua?

Esta pergunta poderia ser respondida se estivéssemos diante de uma expansão ‘imperial’, mas não é este o caso. Conflitos belicosos pontuaram a história das relações entre os povos alto-xinguanos. Ao invés da “*predação familiarizante*”, uma expressão de autoria de Carlos Fausto (1999, 2001), em sua análise da guerra e do xamanismo na Amazônia, a estratégia no Alto Xingu foi a produção de relações cada vez mais cordiais, construindo uma identidade mais forte do que o conjunto das diferenças, através de trocas, festas, visitas, casamentos. A arte do envolvimento alto-xinguano é uma mistura de diplomacia e manipulação que acaba domesticando o outro. É um jogo de poder não centralizado, difuso e reticular.

A construção do complexo alto-xinguano, que começou no final do primeiro milênio e continua até hoje, mostra que, apesar da Conquista, permaneceu um processo histórico dinâmico de transformação e adaptação, de contatos e mudanças.

As narrativas míticas e de história oral, coletadas e analisadas ao longo do KKDP e a investigação comparativa conduzida pelos responsáveis dos Projetos DOBES, de documentação das línguas alto-xinguanas Kuikuro, Aweti e Trumai (ver item II), já trouxeram algumas evidências interessantes. Hoje, os grupos que se auto-identificam como autóctones são os Wauja e os Mehinaku (Arawak), junto com os Kuikuro, Kalapalo, Nahukwa e Matipu (Karib). Os restantes são considerados ‘recém-chegados’ que adentraram a região em tempos históricos e que se adaptaram aos valores e ao modo de viver ‘xinguano’. Kamayurá e Aweti (Tupi) teriam chegado depois do século XVIII, assim como Yawalapiti (Arawak) e Trumai (isolada)⁴.

Mesmo hoje, a distinção entre ‘originais’ e ‘recém-chegados’ é um elemento básico na política e na socialidade alto-xinguana, onde o prestígio dos primeiros não é o mesmo dos segundos.⁵ Mesmo si a fronteira entre registro mítico e registro histórico é fracamente marcada, já que as narrativas míticas incorporam frequentemente eventos ‘históricos’, um estudo das modalidades epistêmicas nas

⁴ A versão arqueológica desta história coincide apenas parcialmente com as narrativas locais. Como foi dito, o núcleo inicial parece ter sido uma população falante de ‘Arawak’ homogênea. Os falantes ‘karib’ teriam chegado depois, talvez entre os séculos XVI e XVII. Heckenberger localizou pequenos aldeamentos não fortificados próximo do lago Tahununu (extremo leste do território kuikuro) com estruturas circulares (2005:103-112). A semelhança formal destas estruturas com as casas coletivas dos povos karib da região guianesa (e o fato de que os Kuikuro consideram Tahununu como seu território original) sugere que estas pequenas aldeias, compostas de uma única casa multifamiliar circular, poderiam ter sido de fato erguidas pelos antepassados dos Kuikuro, Kalapalo, Matipu e Nahukwa. Assim, a incorporação dos Karib teria se dado depois ou durante o colapso do sistema das grandes aldeias fortificadas, deslançando a formação do sistema pluriétnico e multilíngue alto-xinguano.

⁵ Na língua Karib alto-xinguana, os povos ‘autóctones’ são chamados de *kuge*, distintos de *ngikogo* (‘não-xinguanos’) e *kagaiha* (‘não-índios’). A palavra *kuge* é, possivelmente, uma forma contraída do pronome livre *kukuge*, ‘nós’ inclusivo. *Kukuge* é formado pelo proclítico de 1ª pessoa inclusiva *ku(k)*- e o pronome livre *uge*, 1ª pessoa singular, ambos com cognatos em outras línguas Karib. Em Bakairi, outra língua Karib meridional, falada por grupos que participaram do sistema alto-xinguano, *kurá* é tanto a forma livre de 1ª pessoa inclusiva plural e sua auto-denominação. Nas línguas Arawak alto-xinguanas, esses povos ‘originais’ são chamados de *putaka*, ‘povo de aldeia’, um termo oposto a *muteitsi* (Ireland 2001:257). Em Kamayurá e Aweti, línguas Tupi, os povos ‘originais’ são chamados de *hawa’yp* (em oposição a *kawa’yp*) (Bastos 1977:58) e *mo’at* (em oposição a *waraju*) respectivamente, enquanto em Trumai são chamados de *yaw* (em oposição a *adis*).

narrativas e no discurso kuikuro (Franchetto, 2007) aponta para uma distinção entre ‘tempo mítico’ e ‘tempo histórico’. Aliás, os Kuikuro chamam o primeiro de “quando nós éramos Bichos-espíritos” (*it-sekei gele kukatamini*) e o segundo de “quando já éramos gente” (ver também Ireland 1988, para os Wauja).

Se os povos ‘originais’ foram criados diretamente pelos heróis míticos, os outros se fizeram ‘xinguanos’. É o que contam os Aweti e os Trumai, por exemplo: um processo de transformação de ‘índios bravos’ em ‘gente de verdade’, adotando o cerimonialismo e o pacifismo alto-xinguanos, valores éticos e estéticos, a adoção de uma dieta alimentar específica. Os Kuikuro se referem a esta ‘xinguanização’ através do verbo *ukugetilü* (tornar-se gente), termo usado para referir-se também à domesticação de um animal selvagem. Aweti e Trumai adotaram a visão hegemônica ao falar de seu passado. Para os Aweti contemporâneos, seus ancestrais (os *Enumania* e os *Anytyza*), chegaram na região provavelmente em meados do século XVIII. No relato de um de seus chefes atuais, sua antiga condição de *waraju* se define pelo constante guerrear. Sua repentina transformação em ‘xinguano’ é descrita como uma mudança da guerra para a paz, condição dependente da presença de grandes chefes (Coelho de Souza 2001 e narrativas coletadas por Sebastian Drude no âmbito do Projeto DOBES).

Para Aweti e Trumai, ‘tornar-se gente’ significou incorporar a ética e a estética alto-xinguanas. No caso dos Trumai, sua chegada ao Xingu não foi antes da metade do século XIX. As narrativas trumai, coletadas por Raquel Guirardello em seu Projeto DOBES, contêm referências detalhadas aos seus antigos costumes, totalmente diferentes dos atuais. Aqui, a ênfase é menos na aceitação do pacifismo alto-xinguanos e mais na adoção da estética corporal alto-xinguanas (ver também Monod-Becquelin & Guirardello 2001). Guirardello contribui ao presente volume com um artigo rico em novas informações que resultam de uma análise etno-lingüística do léxico trumai, onde o processo histórico de ‘xinguanização’ parece estar consubstanciado em vários domínios.

Não obstante essas origens desiguais, os povos do Alto Xingu reconhecem as contribuições e as inovações atribuíveis a cada um. As narrativas que contam as origens dos vários rituais, tanto as que constam

das etnografias, como as coletadas no âmbito dos Projetos DOBES, são evidências disso. A chegada dos Tupi e dos Trumai enriqueceu e ampliou a vida cerimonial. A festa do Javari, por exemplo, seria de origem Trumai e Aweti, mas foi difundida através dos Kamayurá e muitos de seus cantos são em Kamayurá ou outra língua Tupi-Guarani próxima. Os Kamayurá contribuíram com o ritual das máscaras *Aga* (em Kuikuro), e, talvez, das *Jakuikatú*. O quinteto de flautas *Takwaga* (em Kuikuro) é considerado como sendo de proveniência bakairi, grupo karib que habitou o Alto Xingu até o começo do século XX.

A análise das ‘rezas’ kuikuro (*kehege*, fórmulas de cura em fala cantada) mostra um amálgama linguístico instigante. Em todas elas, há uma primeira parte em língua Arawak, parcialmente compreensível, na qual se pontua a associação com o mito de origem (a primeira execução), e uma segunda parte em língua Karib, hoje ainda plenamente compreensível, pela qual é pronunciada a fórmula performativa e simbolicamente eficaz. Os cantos do Kwaryp, o ritual intertribal mais importante e comemoração dos chefes falecidos, contêm palavras e expressões tupi e karib, com alguns cantos provavelmente arawak. O ritual Kwaryp, tão central e cujas origens míticas remontam à origem da ‘humanidade’ e suas espécies, é um exemplo claro do processo histórico de hibridização que se deu ao longo dos últimos séculos.

A tabela que se segue resulta de uma revisão da originalmente elaborada por Carlos Fausto⁶; nela, cada um dos rituais kuikuro é caracterizado pela natureza intertribal ou intratribal de sua execução, particularmente do desfecho final do ciclo ritual, pelos conjuntos de cantos associados, pelos rituais menores que o acompanham (‘os que vão com’⁷, companheiros), pela identificação de gênero de sua temática e de seus executores e, enfim, pelas línguas em que seus cantos são cantados.

⁶ Novas pesquisas aprofundam a descrição de rituais, como a dissertação de Isabel Penoni sobre o Hagaka kuikuro, ritual mais conhecido como Javari (termo tupi), defendida no PPGAS/MN/UFRJ em 2010. Novas pesquisas etno-musicológicas serão cruciais, como a de Tommaso Montagnani e de Didier Demolin para gêneros de música instrumental e vocal Kuikuro e a de João Carlos Albuquerque Souza de Almeida entre os Yawalapiti (MUSA/UFSC).

⁷ *Ikongo*, em Kuikuro, resulta de processos morfofonológico a partir de *i-ake-ngo* (3-COM-NMLZ) > *ike-ngo* > *ikongo*. COM glosa a posposição comitativa *ake*; *-ngo* é sufixo derivacional, que forma nome de advérbios e sintagmas posposicionais.

RITUAL	TEMÁTICA	EXPRESSIONES MUSICAIS	<i>IKONGO</i> 'COMPANHEIRO'	CATEGORIA GÊNERO	LÍNGUA(S)
<i>Egitsü</i> Kwaryp Intertribal	Memória de chefes mortos	<i>augubi igisü</i>		Vocal Masculino	Karib/ Arawak/ Tupi
		<i>abogi igisü</i>		Vocal Masculino	
		<i>atanga igisü</i> Flautas uruá		Instrumental	
<i>Tiponbü</i> furo da orelha Intertribal		<i>tiponbü igisü</i>		Vocal Masculino	Arawak/ Karib
<i>Hagaka</i> Javari Intertribal	Homenagem a um chefe, um especialista ritual, um mestre do arco, falecidos	<i>Hagaka igisü</i>		Vocal Masculino	Tupi
<i>Jamugikumalu</i> Intratribal com festa final intertribal	Revolta das mulheres; origem das Itaõ Kuegü (Hyper-mulheres)	<i>Jamugikumalu igisü</i>		Vocal Feminino	Arawak/ Karib
		Cantos jocosos		Vocal Feminino	Karib
<i>Tolo</i> cantos femininos correspondentes às músicas jacuí Intratribal com festa final intertribal	Amor e saudade cantos femininos correspondentes às músicas <i>kagutu</i>	<i>Tolo igisü</i>		Vocal Feminino	Karib
<i>Ndube</i> Tawarawanã Intratribal					Arawak/ Karib

RITUAL	TEMÁTICA	EXPRESSIONES MUSICAIS	<i>IKONGO</i> 'COMPANHEIRO'	CATEGORIA GÊNERO	LÍNGUA(S)
		<i>Ndube bekugu</i> Festa verdadeira		Vocal Masculino	Arawak
		<i>Kanga undubugu</i> festa dos peixes		Vocal Masculino	Arawak
		<i>Hugoko</i>		Vocal Masculino	Arawak
			<i>Kuaku igisü</i> canto do papagaio	Vocal Masculino	Arawak
<i>Takwaga</i> Intratribal com festa final intertribal				Instrumental Masculino	
Kagutu flautas Jacuí		<i>Kagutu igisü</i> Cantos das flautas/ espíritos kagutu		Instrumental Masculino	
			<i>Jokoko</i>	Vocal Masculino	
			<i>Pagapaga</i> 'sapo'	Vocal Masculino	Karib
<i>Hugagü</i> festa do beija-flor Intratribal	Estação do pequi		<i>Kuaku keugü</i>	Vocal Masculino	Arawak/ Karib
			<i>Tsitsi</i>	Vocal Masculino	Arawak
<i>Hüge oto</i> 'dono da flecha'				Vocal Masculino	Arawak/ Karib
			<i>Gipugape</i> 'o que foi o topo'	Vocal Masculino	Arawak/ Karib

RITUAL	TEMÁTICA	EXPRESSIONES MUSICAIS	<i>IKONGO</i> 'COMPANHEIRO'	CATEGORIA GÊNERO	LÍNGUA(S)
<i>Aga</i> tipo de máscara Intratribal				Vocal Masculino	Tupi
			<i>Tabaku</i> 'arco'	Vocal Masculino	Tupi
Jakui katu Tipo de máscara Intratribal				Vocal Masculino	Arawak/ Karib
<i>Kuábü</i> Tipo de máscara Intratribal	Crítica social e comentários sobre a vida cotidiana			Vocal Masculino e Feminino	Karib
Kuigi igisü 'cantos da mandioca' Intratribal				Vocal Masculino	Arawak/ Karib

Apesar de uma história razoavelmente longa de convivência e de tráfego de pessoas, rituais e ideias entre os diversos povos do sistema alto-xinguano, as diferenças linguísticas se mantiveram e a língua, inclusive no nível das variantes dialetais, continua sendo o diacrítico básico que mantém as diferenças dinamizando o sistema como um todo. O multilinguismo diacrítico levou a uma impressionante reflexividade metalinguística, tópico já abordado por Franchetto (2001, 2003, 2006).

Três níveis distintos de identidade linguística estão presentes no discurso nativo no interior do sistema alto-xinguano: a) ser, por exemplo, Kuikuro (ou Kalapalo, Wauja, etc.) é ser único na singularidade linguística de seu próprio *ótomo* (grupo local, *oto-mo*, mestre/dono-PL); (b) ser um 'outro igual' (*otobongo*) em relação à aldeia em que se fala um dialeto da mesma língua; (c) ser *telo* 'outro diferente', em relação aos que falam uma língua geneticamente distinta.

Não é este o caso dos Yawalapiti, cuja língua está à beira do desaparecimento, falada por menos de dez pessoas, embora seja

‘Yawalapiti’ a aldeia em que dominam outras línguas Karib, Arawak e Tupi. Provavelmente não foi assim nos Kamayurá e nos Aweti do passado, grupos ‘étnicos’ que surgiram do amálgama de povos tupi diferentes que deixaram, até pouco tempo atrás, os vestígios de variantes dialetais em suas aldeias, como sustenta Drude no capítulo de sua autoria neste livro.

Com exceção dos Yawalapiti e dos Trumai, grupos internamente multilíngues por histórias específicas de dispersão e de casamentos intertribais, os povos alto-xinguanos são linguisticamente conservadores. Não há multilinguismo interno. Quando um indivíduo mora na aldeia do esposo ou da esposa falante de outra língua, ele não usará a sua própria língua em situações públicas, mas sim no dia a dia dentro do espaço doméstico; seus filhos serão bilíngues, mas continuarão a usar predominantemente a língua da aldeia em que nasceram e vivem. Os ‘misturados’ (em Kuikuro, *tetsualiü*) são às vezes criticados por não serem falantes ‘puros’ da língua da aldeia em que moram.⁸

Retomemos a questão da reflexividade meta-linguística, fruto de um sistema multilíngue. Kuikuro, Kalapalo, Nahukwa e Matipu (Karib) são ditos falarem ‘na garganta’, ‘para dentro’, enquanto Wauja e Mehinaku (Arawak) falam ‘para fora’, ‘na ponta dos dentes’. A comparação ressalta qualidades articulatórias, como a preponderância de sons dorsais (velares e uvulares) nas línguas Karib e de coronais e palatais nas Arawak.

As variantes dialetais também operam como diacríticos de identidades sócio-políticas diferenciadas. A história oral que conta a origem dos Kuikuro como povo distinto fala de processos internos de fissão que resultaram na constituição de um novo grupo a partir de uma aldeia mãe original (*oti*, ‘campo, savana’), da qual também se originaram os Matipu. Uma destas narrativas, coletadas pelo KKDP, se conclui com comentários do narrador e de seu interlocutor sobre a cisão dialetal: as palavras (*aki*) e a fala (*itaginbu*) muda-

⁸ A dissertação de Mutuá Mehinaku, filho de mãe kuikuro e pai mehinaku, a ser defendida em dezembro de 2010 no PPGAS-MN-UFRJ, será certamente uma contribuição decisiva para a discussão da ‘mistura’ linguística no Alto Xingu, já que seu objeto é o encontro entre línguas e dialetos na gênese e não presente desse sistema.

ram, a fala dos Kuikuro se tornou reta (*titage*), enquanto a fala dos Matipu ‘caiu’ (*isamakiliü*). Por outro lado, o dialeto Karib falado pelos Kalapalo e pelos Nahukwa é descrito como sendo falado ‘em curvas’ (*tübenkegegibo*) ou ‘no fundo’ (*inbukilüü*) (Franchetto 1986). Observe-se a sensibilidade metalingüística às diferenças prosódicas entre as variantes Karib alto-xinguanas. Contudo, tais diferenças rítmicas não impedem que os grupos karib se vejam, um ao outro, como *otobongo* (outro igual), falantes de variantes de uma mesma língua. Para os Kuikuro, *telo* (‘outro diferente’) são os que falam línguas geneticamente distintas, Arawak ou Tupi (Franchetto 1986).⁹ Neste livro, Romling, Franchetto e Colamarco apresentam um estudo em fonética experimental que procura ‘traduzir’ as diferenças dialetais Karib alto-xinguanas, rotuladas e comentadas pelos seus falantes, nos parâmetros acústicos e perceptivos relevantes, descobrindo uma distinção rítmica ‘dramática’ que resulta de padrões de distintas interpretações fonológicas de constituintes de uma mesma sintaxe frasal. Os autores concluem que os rótulos diferenciadores são um jogo de espelhos, em que cada dialeto é ‘reto’ para seus falantes, como bem explicou Kaman Nahukwa durante uma oficina realizada na aldeia matipu de Ngahünga em fim de outubro de 2009 (ver nota 9):

KITAGINHU ÜGÜHÜTU

Matipu, Kalapalo, Nabukwa kingaliü Kuikuro akisii beke, iheigü (ibotagü).

Üleatebe titsilü itaginbuko beke: iheigü (ibotagü), tübenkegegibongo. Inke tsapa tandümponbonkoki ngupongompeinhe künteli, anha inbügü gebale tükenkegiko, nügü hungu igei.

Sagage gebale Kuikuroko beke tisitaginbu tangali, iheigü gebale, tübenkegiko gebale.

Inhalü gitage inbani anümi.

Sagage gebale titsilü ibekeni, inhalü gitage itaginbuko anümi.

⁹ Um maior conhecimento da diversidade dialetal karib em sua gênese histórica e em sua realidade atual será a contribuição de dois projetos em andamento em 2010. O primeiro é o projeto ‘Levantamento Sócio-Linguístico e Documentação da Língua e das Tradições Culturais das Comunidades Indígenas Nahukwa e Matipu do Alto Xingu, financiado pelo Fundo de Direitos Difusos da Secretaria de Direito Econômico do Ministério da Justiça, desenvolvido de abril 2009 a junho 2010, sob a coordenação de Bruna Franchetto e executado no Museu Nacional/UFRJ. O segundo projeto está sendo desenvolvido por Gélsama Mara Ferreira dos Santos, pós-doutoranda com bolsa CNPq.

SOBRE LÍNGUAS

Matipu, Kalapalo, Nahukwa falam da relação deles com a língua Kuikuro: *ibeigü (ibotagü)*.

Por isso falamos que a língua deles é *ibeigü (ibotagü)*, *tübenkeggekongo*.

Significa como se estivesse descendo de um morro ou como quando tem curvas no caminho.

Da mesma forma os Kuikuro escutam a nossa fala: *ibeigü, tübenkeggekongo* também. Eles ouvem diferente do que a língua deles.

Nós também falamos e escutamos as falas deles diferente do que a nossa língua (principalmente a música da língua).

Chama a atenção, no Alto Xingu, a inexistência de uma língua franca, se não considerarmos a difusão do Português nos últimos 60 anos. Isto mostra que os povos ‘chegados de fora’ não foram absorvidos numa posição de submissão. Ao invés de criar uma comunidade linguística, o processo geral de incorporar, transformar, para criar o sistema alto-xinguano, implicou na criação de uma comunidade moral. A língua serviu para preservar as diferenças, mas um complexo sistema de rituais e etiquetas foi cimentando uma identidade englobante. É este o tema do capítulo que Christopher Ball escreveu para este volume: a pragmática (comportamental e discursiva) alto-xinguana permite ultrapassar as fronteiras propriamente linguísticas e com estas mantém uma dialética contínua. O que acontece quando ela se depara com outro ‘outro’, outro encontro, aquele entre ‘gente xinguana’ e ‘gente não-xinguana’? Entre *kege* e *kagaiha*, como diriam os Kuikuro? O equívoco irrompe e um profundo desentendimento se instaura.

O Projeto ‘Evidências linguísticas para o entendimento de uma sociedade multilíngue: o Alto Xingu’ partiu deste chão empírico e analítico, multidisciplinar, para ampliar e aprofundar o estudo do sistema alto-xinguano, em sua processualidade histórica e em sua situação atual, do ponto de vista especificamente linguístico, chamando a contribuição sistematizada e refletida dos pesquisadores que hoje se dedicam ao estudo de suas línguas. O Projeto foi realizado ao longo de dois anos, de dezembro de 2006 a dezembro de 2008, dando continuidade, continuando o empreendimento iniciado em 2001 pelos três Projetos brasileiros incluídos no Programa internacional de Documentação de Línguas Ameaçadas (DOBES). Ao mesmo tempo, ele abriu caminhos para novas possibilidades investigativas. No capítulo

que se segue, Sebastian Drude apresenta a metodologia usada no Projeto e desenvolvida a partir daquela primeira experiência dos projetos DOBES Kuikuro, Aweti e Trumai.

5. PESQUISADORES E AUTORES

Do Projeto ‘Evidências linguísticas para o entendimento de uma sociedade multilíngue: o Alto Xingu’ participaram os seguintes pesquisadores, muitos dos quais contribuíram para este livro:

BRUNA FRANCHETTO: coordenadora; doutora em Antropologia e professora do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Coordenou o Projeto “Documentação linguística, histórica e etnográfica da língua Karib do Alto Xingu ou Kuikuro” (DOBES, 2001-2005). Pesquisadora responsável pelo Projeto CNPq ‘Documentação de línguas indígenas: exploração de fatos gramaticais, históricos e etnolinguísticos a partir de arquivos multimídia’.

LUCY SEKI: doutora em Linguística e professora do Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP; atualmente pesquisadora responsável pelo Projeto CNPq ‘Documentação e análise da língua Kamayurá: léxico e textos narrativos’. Iniciou suas pesquisas sobre o Kamayurá em 1968 e é autora de uma gramática da mesma língua; coordenou vários projetos e orientou dissertações e teses sobre línguas do Alto Xingu.

ANGEL CORBERA MORI: doutor em Linguística e professor do Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP; pesquisador responsável pelo Projeto CNPq ‘Análise e descrição da língua Mehinaku (Arawak, aldeias Uwatana e Ipiaipico)’, desde 2004.

RAQUEL GUIRARDELLO-DAMIAN: doutora em Linguística, professora da University of the West of England/UWE e pesquisadora associada do Museu Paraense Emílio Goeldi; coordenou o Projeto ‘Documentação da língua Trumai’ (DOBES, 2001-2005). Autora de uma gramática de referência da língua Trumai.

SEBASTIAN DRUDE: doutor em Linguística pela Universidade Livre de Berlin, pesquisador associado do Museu Paraense Emílio Goeldi. Coordenou o Projeto ‘Documentação da língua Aweti’ (DOBES, 2001-2005).

CHRISTOPHER BALL: doutor em Antropologia e Linguística da Universidade de Chicago (EUA). Na época da vigência do Projeto, defendeu tese de doutorado na Universidade de Chicago, sobre gêneros de fala, registros verbais e contextos de comunicação entre os Wauja e no Alto Xingu. É hoje professor do Dartmouth College, nos Estados Unidos.

GÉLSAMA MARA FERREIRA DOS SANTOS: na época do Projeto, ainda doutoranda em Linguística, UFRJ; concluída sua pesquisa de doutorado sobre a morfologia kuikuro em 2007, é hoje pós-doutoranda (CNPq) com projeto de investigação comparativa das variantes da língua Karib alto-xinguana (Kuikuro, Kalapalo, Nahukwa, Matipu).

6. COLABORADORES

MICHAEL J. HECKENBERGER: professor da Universidade da Flórida (EUA); etno-arqueólogo, conduz pesquisas em arqueologia pré-histórica e histórica no território kuikuro desde 1992; pesquisador principal do Projeto “Southern Amazonia Ethnoarchaeological Project” (com o MN/UFRJ e o Museu Goeldi, National Science Foundation 2004-2005).

CARLOS FAUSTO: doutor em antropologia pelo PPGAS/MN/UFRJ e professor nesta mesma instituição, coordena projetos de pesquisa sobre ritual, economia e política entre os Kuikuro desde 2003 e foi curador da exposição *Tisakisii*: tradição e novas tecnologias da memória.

KRISTINE SUE STENZEL: pós-doutoranda no PPGASMN/UFRJ sob a supervisão da Dra. Franchetto, hoje docente do Departamento de Linguística da UFRJ; linguista com PhD na Universidade de Colorado, especialista em línguas da família Tukano, noroeste amazônico, região caracterizada por um sistema indígena multilíngue e multiétnico.

SÉRGIO MEIRA DE SANTA CRUZ OLIVEIRA: professor da Universidade de Leiden (Holanda), pesquisador associado do Museu Paraense Emílio Goeldi; linguista com doutorado na Universidade de Rice (EUA). Especialista em estudos descritivos e histórico-comparativos das línguas Karib e Tupi. Coordenou o Projeto DOBES “Documentação das línguas Bakairi (Karib meridional), Kaxuyâna (Karib setentrional) e Sateré-Mawé (Tupi)”.

GLAUBER ROMLING DA SILVA: bolsista de Iniciação Científica/CNPq-UFRJ até fevereiro 2007, continua desenvolvendo, sob a orientação de Bruna Franchetto, projeto de documentação e análise da língua Paresi-Haliti (Arawak meridional); concluiu o mestrado em 2009 e é agora doutorando no Programa de Pós Graduação em Linguística-UFRJ

ALINE VARELA: bolsista de Iniciação Científica (PIBIC-UFRJ) e hoje mestranda em linguística na UFRJ com projeto sobre marcadores epistêmicos na língua Kuikuro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Esta bibliografia não pretende ser exaustiva no que concerne a literatura existente sobre o Alto Xingu, seja ela linguística ou etnográfica. Aqui estão não apenas os títulos e autores citados no presente capítulo, como também os incluídos no Projeto CNPq ‘Evidências linguísticas para o entendimento de uma sociedade multilíngue: o Alto Xingu’, com algumas atualizações.

BALL, Christopher G. 2007. *Out of the Park: Trajectories of Wauja (Xingu Arawak) Language and Culture*. PhD Diss., University of Chicago.

BARCELOS NETO, Aristóteles. 2008. *Apapaatai: Rituais de Máscaras no Alto Xingu*. São Paulo: EDUSP.

BASSO, Ellen B. 1973. The use of Portuguese relationship terms in Kalapalo (Xingu Carib): changes in a central Brazilian communicative network. *Language in Society*, no 2 (1-21).

_____. 1985. *A musical View of the Universe*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.

_____. 1987. *In Favour of Deceit*. Tuscon: The University of Arizona Press.

_____. 1995. *The Last Cannibals*. Austin: University of Texas Press.

BASTOS, Rafael José de Menezes. 1978. *A Musicológica Kamayurá: para uma antropologia da comunicação no Alto Xingu*. Brasília: FUNAI.

BORELLA, Cristina De Cassia. 2000. Aspectos Morfossintáticos da Língua Aweti (Tupí). Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Estadual de Campinas.

BRANDON, F. R. & SEKI, L. F. 1981. A note on COMP as a universal. *Linguistic Inquiry*, 12 (659-665).

_____. 1984 Moving Interrogatives without an Initial +WH Node in Tupí. In *The Syntax of Native American Languages* (Syntax and Semantics, vol. 16), Orlando, Academic Press (77-103).

COELHO DE SOUZA, Marcela. 2001. Virando gente: notas a uma história aweti. In: *Os Povos do Alto Xingu: História e Cultura*. Bruna Franchetto and Michael J. Heckenberger (eds). Rio de Janeiro: Editora UFRJ (358-400).

CORBERA MORI, Angel. 2004. Estrutura silábica e nasalidade em Waurá. *Signótica*, Universidade Federal de Goiás, v. 15, n. 2 (143-152).

_____. 2005. A posse nominal em línguas arawak do Sul e arawak Central: uma abordagem descritiva. *Estudos Linguísticos*, Campinas, SP, v. 34 (263-268).

DRUDE, Sebastian. 2002. Fala masculina e feminina em Aweti. A.S.A. Câmara Cabral & A. D. Rodrigues (orgs), *Línguas Indígenas Brasileiras. Fonologia, Gramática e História*. Atas do I Encontro Internacional do GT Línguas Indígenas da ANPOLL. Belém: Editora Universitária UFPA (177-190).

_____. 2008. Tense, aspect and mood in Awetí verb paradigms: analytic and synthetic forms. In: D. K. Harrison, D. Rood e A. Dwyer (ed.). *Lessons from Documented Endangered Languages*. Amsterdam, Philadelphia: Benjamins Publishing Company (67-110).

_____. 2008. Nasal harmony in Awetí and the Mawetí-Guarani family (Tupi). *Amerindia* 32 (239-268).

EMMERICH, Charlotte e MONSERRAT Ruth M. F. 1972. Sobre a fonologia da língua Aweti (Tupi). *Boletim do Museu Nacional N.S. Antropologia*, v.25 (1-18).

EVERETT, Daniel L. & SEKI, Lucy. 1986. Reduplication and Cv Skeleta in Kamaiura. *Linguistic Inquiry*, v. 16, n. 2 (326-330).

FAUSTO, Carlos. 1999. “Of Enemies and Pets: Warfare and Shamanism in Amazonia”. *American Ethnologist* 26(4) (933-956).

_____. 2001. *Inimigos Fiéis. História, Guerra e Xamanismo na Amazônia*. São Paulo: EDUSP.

FAUSTO, Carlos, FRANCHETTO Bruna & HECKENBERGER, Michael J. 2008. Language, ritual and historical reconstruction: towards a linguistic, ethnographical and archaeological account of Upper Xingu Society. David K. Harrison, David S. Rood and Aryenne Dwyer (eds), *Lessons from Documented Endangered Languages*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company (Typological Studies in Language 78). (129-158).

FRANCHETTO, B. 1986. *Falar Kuikúro. Estudo etnolinguístico de um grupo karibe do Alto Xingu*. Tese de Doutorado, PPGAS, Museu Nacional, UFRJ, Rio de Janeiro.

_____. 1990. Ergativity and Nominativity in Kuikúro and Other Carib Languages. D.Payne (org), *Amazonian Linguistics. Studies in Lowland South American Languages*. University of Texas Press, Austin (407-428).

_____. 1992. O aparecimento dos caraíba: para uma história kuikúro e alto-xinguana. Manuela C.da Cunha (org.), *História dos Índios no Brasil*, Companhia das Letras, FAPESP, SMC, São Paulo (339-356).

_____. 1993. A celebração da história nos discursos cerimoniais kuikúro (Alto Xingu). Eduardo Viveiros de Castro e Manuela Carneiro da Cunha (orgs.), *Amazônia Etnologia e História Indígena*, São Paulo, NHII/USP, FAPESP (95-116).

_____. 1995. Processos Fonológicos em Kuikúro: uma Visão Auto-Segmental. Leo Wetzels (org), *Estudos Fonológicos das Línguas Indígenas Brasileiras*, Editora UFRJ, Rio de Janeiro (53-84).

_____. 1983. A fala do chefe: um gênero de fala kuikúro. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, n. 4, Linguística Indígena e Responsabilidade Social (45-72). IEL, UNICAMP, Campinas.

_____. 1989. Forma e significado na poética oral Kuikúro. *Amerindia* 14 (83-118). Laboratoire d'Ethnolinguistique, CNRS, Paris.

_____. 1990. A Ergatividade Kuikúro (Karíbe): Algumas Propostas de Análise. *Cadernos de Estudos Linguísticos* 18 (57-78). IEL/UNICAMP, Campinas, SP.

_____. 1991. A ergatividade em línguas karíbe: uma hipótese explicativa. *Anais do V Encontro Nacional da ANPOLL. Área de Linguística*. ANPOLL, Porto Alegre-RS (256-264).

_____. 1994. A ergatividade kuikúro: quadro geral, hipóteses explicativas e uma visão comparativa. *Revista Latinoamericana de Estudios Etnolingüísticos*, Vol VIII (7-16). Lima, Peru, Linguística Tupi-Guarani/Caribe (estudios presentados en el 47 Congreso Internacional de Americanistas, 7-11 de julio de 1991, Nueva Orleans).

_____. 1996. As línguas Ergativas e a Teoria da Gramática. *Atas do I Congresso Internacional da Associação Brasileira de Linguística (ABRALIN)*, Salvador, ABRALIN-FINEP-UFBA (220-226).

_____. 1997. Tolo Kuikúro: Diga cantando o que não pode ser dito falando. *Invenção do Brasil, Revista do Museu Aberto do Descobrimento*. Ministério da Cultura, (57-64).

_____. 1997. Tolo: cantos kuikuro. *Actas de las III Jornadas de Lingüística Aborígen*. Buenos Aires 20-23 de mayo de 1997. Universidade de Buenos Aires/Facultad de Filosofia y Letras/Instituto de Lingüística, 1998 (415-425).

_____. 2000. Rencontres rituelles dans le Haut Xingu: la parole du chef. Aurore Becquelin Monod e Philippe Erikson (orgs), *Les Rituels du Dialogue. Promenades ethnolinguistiques en terres amérindiennes*. Nanterre: Societé d'Ethnologie (481-510).

_____. 2001 Línguas e História no Alto Xingu. B. Franchetto e M. Heckenberger (orgs.), *Os Povos do Alto Xingu. História e Cultura*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ (111-156).

_____. 2001. Ele é dos outros. Gêneros de fala cantada entre os Kuikuro do Alto Xingu. C. N. Mattos, E. Travassos, F. T. de Medeiros (orgs), *Ao encontro da palavra cantada: poesia, música e voz*. 7 Letras/CNPq (40-52).

_____. 2002. How to Integrate Ethnographical Data into Linguistic Documentation: some remarks from the Kuikuro Project (DOBES, Brazil). P. Austin, H. Dry e P. Wittenburg (orgs.), *Proceedings of the International LREC Workshop on Resources and Tools in Field Linguistics*. ISLE/DoBeS. http://www.mpi.nl/lrec/papers/lrec-pap-19LREC_Workshop_kuikuro.pdf.

_____. 2002. Céu, terra, homens. O Calendário Kuikuro. M. K. L. Ferreira (org.), *Idéias Matemáticas de Povos Culturalmente Distintos*. São Paulo: Global. 2002 (101-118).

_____. 2003 “L'autre du même: parallélisme et grammaire dans l'art verbal des récits Kuikuro (caribe du Haut Xingu, Brésil)”. *Amerindia* 28, numéro Langues Caribes (213-248). Paris: AEA.

_____. 2002. Kuikuro. Uma língua ergativa no ramo meridional da família Karib (Alto Xingu). *Ergatividade na Amazônia I*. Centre d'études des langues indigènes d'Amérique (CNRS, IRD); Laboratório de Línguas Indígenas (UnB) (15-44).

_____. 2004 “Coreferentiality in Kuikuro (Southern Carib, Brazil) I”. *Ergatividade na Amazônia II*. Centre d'études des langues indigènes d'Amérique (CNRS, IRD); Laboratório de Línguas Indígenas (UnB). 2004 (121-138).

_____. 2006. Are Kuikuro Roots Lexical Categories? Ximena Lois and Valentina Vapnarski (eds), *Lexical Categories and Root Classes in Amerindian Languages*. Bern: Peter Lang. 2006 (33-68).

_____. 2006 Ethnography in Language Documentation. In: Jost Gippert, Nikolaus P. Himmelmann, Ulrike Mosel (eds), *Essentials of Language Documentation*. Berlin: Mouton de Gruyter (183-212).

_____. 2008. Absolutivo e ergativo pensados a partir do Kuikuro. *Ameríndia* 32 (37-56).

FRANCHETTO, Bruna & HECKENBERGER, Michael (eds). 2001. *Os Povos do Alto Xingu. História e Cultura*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ.

FRANCHETTO, Bruna & SANTOS, Mara. 2002. Construção de bases de dados lexicais: o Projeto Kuikuro e o Programa DOBES. Ana Suelly A. C. Cabral & A. Rodrigues (orgs), *Atas do I Encontro Internacional sobre Línguas Indígenas, Tomo II*. Belém: EDUFPA (22-36).

_____. 2003. “Natureza dos argumentos e mudança de valência a partir de uma classificação (semântica) dos ‘verbos’ kuikuro”. *Ergatividade na Amazônia II*. Centre d'études des langues indigènes d'Amérique (CNRS, IRD); Laboratório de Línguas Indígenas (UnB) (101-154).

_____. 2007. Les marques de la parole vraie en Kuikuro, langue caribe du Haut-Xingu (Brésil)”. Z. Guentchéva & I. Landaburu (eds), *L'Énonciation médiatisée II. Le traitement épistémologique de*

l'information: illustrations amerindiennes et caucasiennes. Paris: Éditions Peeters (173-204).

FRANCHETTO, Bruna; SANTOS, Mara, MEHINAKU Mutuá. 2007. Concepts and forms of plurality in Kuikuro (Southern Carib, Brazil). *UMPO 35, Proceedings of the 4th Conference on the Semantics of Underrepresented Languages in the Americas*. University of Massachusetts Occasional Papers (SULA 4). Amy Rose Deal (ed.). Amherst, MA: GLSA, University of Massachusetts, Amherst (99-116).

GREGOR, Thomas. 1990. Uneasy Peace: Intertribal Relations in Brazil's Upper Xingu. J. Haas (ed.), *The Anthropology of War*. Cambridge: Cambridge University Press (105-24).

_____. 1994. Symbols and Rituals of Peace in Brazil's Upper Xingu. L. E. Sponsel and T. Gregor. Boulder (eds), *The Anthropology of Peace and Nonviolence*. Lynne Rienner Publishers (241-257).

GUIRARDELLO, Raquel. 1992. Aspectos da morfossintaxe da língua Trumai (Isolada) e de seu sistema de marcação de caso. Dissertação de Mestrado. UNICAMP, Campinas.

_____. 1993. Uma abordagem preliminar da etnografia da comunicação na comunidade Trumai, Parque Xingu. Seki, L. (org.), *Linguística Indígena e Educação na América Latina*. Campinas: UNICAMP (351-363).

_____. 1999. Trumai. R.M.W. Dixon & A. Y. Aikhenvald (eds), *The Amazonian Languages*. Cambridge: Cambridge University Press (351-52).

_____. 1999. A Reference Grammar of Trumai. PhD Thesis, Rice University.

_____. 2002. The syntax and semantics of posture forms in Trumai. J. Newman (ed), *The Linguistics of Sitting, Standing and Lying*. Amsterdam: John Benjamins. (141-177).

_____. 2003. Classes verbais e mudança de valência em Trumai.

Ergatividade na Amazônia II. Centre d'études des langues indigènes d'Amérique (CNRS, IRD); Laboratório de Línguas Indígenas (UnB). (195-214).

_____. 2005. Fonologia, Classes de Palavras e Tipos de Predicado em Trumai. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi* (49-162). Belém, Pará.

HECKENBERGER, Michael. 2002. Rethinking the Arawakan Diaspora: Hierarchy, Regionality and the Amazonian "Formative." *Comparative Arawak Histories*, edited by Fernando Santos-Granero and Jonathan Hill (99-121). University of Illinois Press: Urbana.

_____. 2001a. Estrutura, história e transformação: a cultura Xinguana no longue durée (1000 a 2000 d.C.). In *Povos Indígenas do Alto Xingu: História e Culturas* (21-62). Rio de Janeiro: Editora UFRJ.

_____. 2001b. Epidemias, Índios Bravos e Brancos: contato cultural e etno-gênese xinguana. *Povos Indígenas do Alto Xingu: História e Cultura* (77-110). Rio de Janeiro: Editora UFRJ.

_____. 2005. *The Ecology of Power: Culture, Place and Personhood in the Southern Amazon, AD 1000-2000*. Routledge: New York.

HECKENBERGER, M. J., A. KUIKURO, U. T. KUIKURO, J. C. RUSSEL, M. SCHMIDT, C. FAUSTO, B. FRANCHETTO. 2003. Amazonia 1492: Pristine Forest or Cultural Parkland? *Science* 301 (1710-1714).

HECKENBERGER, Michael J., RUSSEL J. Christian., FAUSTO Carlos., TONEY Josshua .R., SCHMIDT, Morgan J., PEREIRA Edithe, FRANCHETTO, Bruna, KUIKURO Afukaka. 2008. Pre-Columbian Urbanism, Anthropogenic Landscapes and the future of the Amazon. *Science*, Vol. 321, 29 (1214-1216).

HECKENBERGER Michael, Carlos FAUSTO and Bruna FRANCHETTO.

2003. Revisiting Amazonia Circa 1492. Answer to the letters by Betty

Meggers and Eduardo Brondizio. *Science* vol. 302 (2068-2069).

IRELAND, Emilienne. 1988. Cerebral savage: the whiteman as symbol of cleverness and savagery in Waurá myth. J. Hill (ed.), *Rethinking History and Myth: Indigenous South American Perspectives on the Past*. Urbana: University of Illinois Press (157-173).

_____. 2001. Noções Waurá de Humanidade e Identidade Cultural. B. Franchetto and M. Heckenberger (orgs.), *Os Povos do Alto Xingu: História e Cultura*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ (249-286).

KRAUSE, Fritz. 1936, Die Yaruma- und Arawine Indianer Centralbrasiliens. *Baessler-Archiv* 19 (32-44). Berlin.

MEIRA, Sérgio. 2002. A first comparison of pronominal and demonstrative systems in the Cariban language family. M. Crevels, S. van der Kerke, S. Meira, H. van der Voort (eds), *Current Studies in South American Languages*. Leiden: CNWS, University of Leiden. (255-275).

_____. 2006. A família linguística Caribe (Karib). *Revista de Estudos e Pesquisas* v. 3, n. 1/2 (157-174). Brasília: FUNAI: CGEP/CGDTI.

MEIRA, Sérgio e FRANCHETTO, Bruna. 2005. The Southern Cariban Languages and the Cariban Family. *International Journal of American Linguistics*, vol 71, n. 2 (127-190). Chicago: Chicago University Press.

MONOD-BECQUELIN, Aurore. 1970. Multilinguisme des Indiens Trumai (Brésil Central). *Language*, n. 18 (78-94).

_____. 1977. *La pratique linguistique des Indiens Trumai* (Haut Xingu, Mato Grosso, Brésil). Paris: SELAF.

MONOD-BECQUELIN, Aurore & GUIRARDELLO, Raquel. 2001. Histórias Trumai. B. Franchetto e M. Heckenberger (orgs.), *Os Povos do Alto Xingu. História e Cultura*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ (401-443).

MONSERRAT, Ruth M. F. 1976. Prefixos pessoais em Awetí. *Linguística*, v.3: 1-16.

_____. 2002. Línguas Tupi e ergatividade. In: A. S. A. C. Cabral e A. D. Rodrigues (Ed.). *Línguas Indígenas Brasileiras Fonologia, Gramática e História. Atas do I Encontro Internacional do Grupo de Trabalho sobre Línguas Indígenas da ANPOLL*. Belém: Editora UFPA, v.Tomo 1 (191-202).

MUJICA, Mitzila I. O. 1992 Aspectos Fonológicos e Gramaticais da Língua Yawalapiti (Aruak). Campinas, UNICAMP, Diss. de Mestrado.

RICHARDS, J. 1969. A tentative analysis of Waura clause types. ms SIL.

_____. 1972 Word order, emphasis and anaphoric reference in Waura simple transitive clauses. ms SIL.

_____. 1973. Dificuldades na análise da possessão nominal na língua Waurá. *Série Linguística* (11-291). Brasília: SIL.

_____. 1977. Orações em Waurá, *Série Linguística* 7 (141-184). Brasília: SIL.

_____. 1986a Waurá verb affixes. ms, SIL.

_____. 1986b Waurá vocabulary. ms, SIL.

_____. 1988. A estrutura verbal waurá. *Série Linguística* 9 (197-218).

_____. 1991 “Presentación y gramática de los párrafos en la narrativa Waurá”. *Revista Latinoamericana de Estudios Etnolingüísticos* (157-182).

SANTOS, Mara. 2002. Morfologia Kuikuro: as categorias ‘nome’ e ‘verbo’ e os processos de transitivização e intransitivização. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Linguística, UFRJ.

_____. 2007. Morfologia Kuikuro: gerando nomes e verbos. Programa de Pós-Graduação em Linguística, UFRJ.

SCHMIDT, Max. 1917. *Die Aruaken: Ein Beitrag zum Problem der Kulturverbreitung*. Leipzig. Veit & Co.

SEKI, Lucy. 1976. O Kamayurá: língua de estrutura ativa. *Língua e Literatura* no. 5 (217-27). São Paulo: USP.

_____. 1983. Observações sobre variação sócio-lingüística em Kamayurá. *Cadernos de Estudos Linguísticos* (73-87). Campinas: UNICAMP.

_____. 1984. A reduplicação em Kamayurá e Tupinambá. *Anais do VIII Encontro Nacional de Linguística* (49-56). Rio de Janeiro: Depto de Letras, PUC.

_____. 1987. Para uma caracterização tipológica da língua Kamayurá. *Cadernos de Estudos Linguísticos* (15-24). Campinas: UNICAMP.

_____. 1993. Notas sobre a história e a situação linguística dos povos indígenas do Parque do Xingu. Seki, L. (org.), *Linguística Indígena e Educação na América Latina*. Campinas: UNICAMP (89-117).

_____. 1990. Kamayurá (Tupi-Guarani) as an active-stative language. Payne D. L. (ed), *Amazonian Linguistics. Studies in Lowland South-American Languages*. Austin: University of Texas Press. (367-392)

_____. 1999. The Upper Xingu as an incipient linguistic area. R.M.W. Dixon & A. Y. Aikhenvald (eds), *The Amazonian Languages*. Cambridge: Cambridge University Press. (417-430).

_____. 2000. *Gramática do Kamayurá: língua tupi-guarani do Alto Xingu*. Campinas: Editora da UNICAMP.

_____. 1997. Sobre as Partículas da Língua Kamaiura. In: Censabella, M. & J. P. Viegas Barros. (Org.). *Actas de las III Jornadas de Linguística Aborígen* (45-72). Buenos Aires: Universidad de Buenos Aires, 1997, v. 1.

_____. 2000. Aspectos diacrônicos da língua Kamaiurá (Tupi-Guarani). Bruno Staib (org.). *Linguística romanica et Indiana (Festschrift für Wolf Dietrich)*. 1 ed. Tübingen: Gunter Narr Verlag, v. 1 (566-581).

_____. 2000. Estratégias de Relativização em Kamaiurá . In: Voort, Hein van der & S. van den Kerke. (Org.). *Indigenous Languages of Lowland South America (ILLA)* 1. Leiden: Centre for Non-Western Studies (309-324).

_____. 2001. Classes de Palavras e Categorias Sintático-funcionais em Kamaiurá (Tupi-guarani). In: F. Queixalós. (Org.). *Des Noms et des verbes en Tupi-guarani: état de la question*. Muenchen: Lincom Europa (39-66).

_____. 2004. Causativos em Kamaiurá (tupi-guarani). In: Zarina Estrada Fernández; Ana V. Fernández Garay; Albert Álverz González. (org.). *Estudios en Lenguas amerindias: homenaje a Ken L. Hale*. 1 ed. México: Editorial Unison, 2004, v. 1 (295-308).

_____. 2008. Sistema de marcação de caso em Kamaiurá. *Amerindia* 32 (135-154).

SEKI, Lucy & AIKHENVALD, Alexandra Y. 1994. Maipuran languages of Xingu: a reconstruction. Inédito.

SILVA, Márcio A. 1981. A fonologia segmental da língua Kamayurá. Diss. de Mestrado. UNICAMP, Campinas.

STEINEN, Karl von den. 1886. *Durch Central-Brasilien. Expedition zur Erforschung des Schingú im Jahre 1884*. Leipzig: F. A. Brockhaus.

_____. 1892. *Die Bakairí Sprache: Wörterverzeichnis, Sätze, Sagen, Grammatik; mit Beiträgen zu einer Lautlehre der karäibischen Grundsprache*. Leipzig: K. F. Koehler's Antiquarium.

_____. 1894. *Unter den Naturvölkern Zentral-Brasiliens. Reiseschilderung und Ergebnisse der zweiten Schingú-Expedition 1887-1888*. Berlin: D. Reimer.

RESUMO

Este capítulo é uma introdução ao livro e ao conjunto de textos que o compõem. O projeto que deu origem ao workshop realizado em 2008 e a esta publicação, todos com o mesmo título, partiu do capital acumulado por experiências anteriores e foi um empreendimento multidisciplinar. O objetivo de um grupo de pesquisadores, sobretudo linguistas, foi o de ampliar e aprofundar as respostas hoje possíveis a uma questão central para o conhecimento das sociedades e das línguas nativas das terras baixas da América do Sul, em particular da Amazônia meridional: quais foram (e quais são hoje) os processos de gênese e reprodução do sistema indígena multilíngue e multiétnico conhecido como Alto Xingu. Procurando respostas em um trabalho de montagem de uma espécie de quebra-cabeça basicamente histórico, são abordadas sucessivamente e, em seguida, de modo interligado, as contribuições da arqueologia, da etnológica e da linguística. Esta última mereceu um detalhamento maior e específico, dado que a perspectiva linguística, entre os possíveis olhares sobre o fenômeno, foi eleita como o foco de interesse para lançar uma ponte com outros campos de produção de conhecimentos.

Palavras-chave: Alto Xingu; Multilinguismo.

ABSTRACT

This chapter is an introduction to the book and the set of texts that have gone into its making. The multidisciplinary project leading to the workshop held in 2008 and to this publication, all with the same title, stemmed from the experience accumulated through earlier research projects. The objective of the group of researchers, primarily linguists, was to broaden and deepen the answers that we can now obtain to a question central to the understanding of the native societies and languages of the South American lowlands, especially southern Amazonia: namely, what were (and what are today) the processes of genesis and reproduction responsible for the multilingual and multiethnic indigenous system known as the Upper Xingu. Seeking responses within an enterprise that basically resembles piecing together a historical jigsaw puzzle, the book successively examines in interconnected form the contributions of archaeology, ethnology and linguistics. The latter receives more detailed and specific attention, since the linguistic approach, among the various possible ways of exploring the phenomenon, was chosen as the focal point for building bridges with other fields of knowledge production.

Key-words: Upper Xingu; Multilingualism.



COMPARANDO LÍNGUAS ALTO-XINGUANAS

METODOLOGIA E BASES DE DADOS COMPARATIVOS

SEBASTIAN DRUDE

Johann Wolfgang Goethe-Universität Frankfurt/Main
Museu Paraense Emilio Goeldi

INTRODUÇÃO: COMPARANDO AS LÍNGUAS DO ALTO XINGU

O sistema alto-xinguano é famoso por incluir vários povos que compartilham diversos traços culturais e convivem num constante intercâmbio material e simbólico. Ao mesmo tempo, eles mantêm sua individualidade e, em particular, suas respectivas línguas ou variedades linguísticas,¹ que são um dos emblemas mais importantes para o estabelecimento de fronteiras sociais entre os diferentes grupos locais.

Esta publicação trata das relações entre algumas das línguas alto-xinguanas e dos reflexos linguísticos da convivência cultural, política e social que caracteriza a maioria dos povos do Alto Xingu.

¹ No que segue, uso o termo ‘língua’ no sentido sócio-político mais do que estritamente linguístico. Assim, abstraio do fato que os Wauja e os Mehinaku são capazes de se comunicar uns com os outros sem problemas e sem um ter aprendido a variedade do outro – ou seja, do fato de que se trata, no caso, de dois co-dialetos de uma mesma língua (outro dialeto desta língua era, provavelmente, o falar dos Kustenau, já não mais existentes como grupo local distinto). O mesmo vale para as variedades da língua Karib alto-xinguana faladas por Kuikuro, Kalapalo, Matipu e Nahukwa.